

RESENHA

***O FIM DA POBREZA* de Jeffrey D. Sachs¹**

Rebecca Hoffmann

Universidade Federal do Paraná

Resumo:

Jeffrey D. Sachs propõe em seu livro "O fim da pobreza", publicado em 2005, que 0,7% do orçamento do produto nacional bruto dos países desenvolvidos seja destinado para ajuda oficial aos países em desenvolvimento (AOD), renovando uma proposta de 1970 da Organização das Nações Unidas. Em números percentuais, menos de 1% é um valor baixo, mas em números absolutos seria um grande valor alocado para o extermínio da pobreza extrema. Há que se concentrar os recursos financeiros na população definida, propiciando um mínimo de dignidade a esse segmento.

Abstract:

Jeffrey D. Sachs proposes in his book "The End of Poverty", published in 2005, that 0.7% of the gross national product of developed countries budget should be intended for official aid to developing countries, renewing a proposal of the United Nations from 1970. In percentage numbers, less than 1% is a small value, but in absolute numbers would be a great amount allocated for the extermination of extreme poverty. Financial resources should be concentrated in the defined population, providing a minimum of dignity to this segment.

Jeffrey D. Sachs é economista, diretor do Instituto da Terra da Universidade de Columbia² e assessor especial do secretário-geral da Organização das Nações Unidas para os Objetivos do Milênio. Visitou mais de cem países, com cerca de 90% da

¹ SACHS, Jeffrey D (2005). **O fim da pobreza**: como acabar com a miséria mundial nos próximos vinte anos. trad. por Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras.

² Mais informações em: <<http://www.earthinstitute.columbia.edu/sections/view/9>>. Acesso em 20 abr. 14.

população mundial, e neles trabalhou em projetos de economia, desenvolvimento e direitos humanos. Seu livro “O fim da pobreza”, objeto desta resenha, traz estatísticas, dados e fotografias que mostram a realidade desumana de muitos países que vivem em extrema pobreza e explora a ideia da força dos mercados globais para emancipar os mais pobres. Para ele, “quando as precondições de infra-estrutura básica (estradas, energia e portos) e de capital humano (saúde e educação) estão disponíveis, os mercados são poderosas máquinas de desenvolvimento. Sem essas precondições, os mercados podem cruelmente esquecer grandes parcelas da população mundial, deixando-as na pobreza e no sofrimento sem alívio” (Sachs, 2005: 29).

O autor utiliza a metáfora de uma escada para explicar o alcance do desenvolvimento econômico. Há cerca de um bilhão de pessoas no mundo (um sexto da humanidade) que não conseguiu ainda pôr um pé no primeiro degrau dessa escada; são os “mais pobres dos mais pobres”, os miseráveis do planeta. Alguns degraus acima está quem vive no ápice do mundo da baixa renda, os “pobres” (aproximadamente 1,5 bilhão de pessoas). Mais alguns degraus acima se encontram as pessoas de renda média, que totalizam 2,5 bilhões de pessoas. E, no topo da escada, estão as pessoas de alta renda (mais um bilhão de pessoas, um sexto da humanidade) (Sachs, 2005: 44-45). Para Sachs, essa imagem mostra duas situações: a positiva, pois muitas pessoas estão subindo essa escada (conforme mostram vários índices mundiais, como maior expectativa de vida, queda na taxa de mortalidade infantil, aumento no nível de escolaridade e maior acesso a água e esgoto), mas também a negativa, pois “um sexto da humanidade nem está na escada do desenvolvimento” (Sachs, 2005: 46). Com o objetivo de problematizar a metáfora, o autor detalha o estudo de caso que realizou em quatro países (Malauí, Bangladesh, Índia e China), como pertencentes a cada um dos estágios da pobreza. Os dados são vastos e demonstram que é possível haver desenvolvimento social e econômico em cenários diferentes com propostas responsáveis. Frente a esse cenário, o autor esclarece que entende como “fim da pobreza” o alcance de dois objetivos: “O primeiro é acabar com o sofrimento de um sexto da humanidade que vive na miséria e luta diariamente para sobreviver. Todos os habitantes da Terra podem e devem gozar de padrões básicos de nutrição, saúde, água e saneamento, moradia e outras necessidades mínimas para a sobrevivência, bem-estar e participação na sociedade. O segundo objetivo é assegurar que todos os pobres do mundo, inclusive aqueles que estão na pobreza moderada, tenham uma chance de subir na escada do desenvolvimento” (Sachs, 2005: 51).

Para tanto, propõe um novo método para a economia do desenvolvimento, que denomina de “economia clínica”, por ser uma analogia com a boa prática médica de diagnósticos, que avalia os obstáculos econômicos por diferentes lentes e a partir delas desenha um planejamento estratégico para enfrentá-los, considerando inclusive

que cada economia nacional é única, e portanto há necessidade de um diagnóstico diferencial para cada país (Sachs, 2005: 105). Além da economia clínica, outro conceito importante na teoria de Sachs é a “armadilha da pobreza”: os pobres gastam todos seus recursos exclusivamente em sua própria sobrevivência, e portanto não sobram recursos para uma poupança que gere renda. (Sachs, 2005: 285).

Para solucionar a armadilha da pobreza, Sachs propõe a assistência oficial ao desenvolvimento (AOD), que é a ajuda externa para desencadear o processo de acumulação de capital, crescimento econômico e aumento de renda familiar (Sachs, 2005: 286). Para o autor, a ajuda externa deve ser dividida em três frentes: “Um pouco vai diretamente para as famílias, principalmente para emergências humanitárias tais como auxílio alimentar em meio a uma seca. Muito mais vai diretamente para o orçamento a fim de financiar investimentos públicos, e um pouco é também direcionado para negócios privados (por exemplo, agricultores) por meio de programas de microfinanciamento e outros esquemas em que a ajuda externa financia diretamente pequenos negócios privados e melhorias agrícolas” (Sachs, 2005: 288).

Essa ajuda externa, para ser eficaz, deve ser desenvolvida com base num diagnóstico diferencial rigoroso do país em questão, para saber onde exatamente se aloca o capital, já que vários setores necessitam do investimento. Para tanto, esse diagnóstico deve estar respaldado numa divisão de trabalho entre os setores público e privado. (Sachs, 2005: 292).

Ele ilustra o mote da obra com dez exemplos de modelos bem-sucedidos de luta contra a pobreza que foram replicados, aumentando-se sua escala de abrangência (Sachs, 2005: 300-306) e propõe uma estratégia para acabar com a pobreza extrema até 2025 (Sachs, 2005: 266), ao se “criar uma rede global de conexões que vá das comunidades pobres aos centros do poder e da riqueza mundial e retorne a elas” (Sachs, 2005: 282). Sugere, para isso, além de um aumento nos investimentos financeiros no combate à pobreza, uma estratégia de mão dupla que confira poder aos pobres concomitantemente com maior responsabilidade pelas suas escolhas (Sachs, 2005: 283).

Para o autor, o sistema de ajuda atual é incoerente, pois primeiramente os atores que coordenam as atividades de ajuda levantam com os países doadores a previsão do montante que será disponibilizado para redução da pobreza, e em seguida informam o país receptor, para que formule um plano de ação baseado nessa quantia. No entanto, o processo deveria ser o inverso: primeiramente levantar-se o montante que o país receptor efetivamente necessita para resolver o problema da pobreza em seu território, para depois buscar-se a quantia total junto aos países doadores (Sachs, 2005: 312-313). Apenas dessa forma traçar-se-ia uma verdadeira estratégia de redução da pobreza, a longo prazo, que consideraria a realidade atual

dos países pobres e saberia que, para mudar esse panorama, é necessário um planejamento de rotina, com previsibilidade (Sachs, 2005: 315-319). O poder explicativo do livro baseia-se num cálculo da própria Organização das Nações Unidas (ONU), que, em 1970, estipulou o valor de 0,7% do produto nacional bruto para a AOD³.

Para o autor, o montante de recursos necessários para erradicação da pobreza extrema (U\$ 0,07 de cada U\$ 10,00) — menos de 1% da renda do mundo rico — não deve ser gasto em transferências de dinheiro, mas sim em investimentos em infraestrutura e capital humano, através de um método de avaliação do custo dos investimentos, composto dos seguintes passos: “identificar o pacote de necessidades básicas; identificar, para cada país, as necessidades atuais não satisfeitas da população; calcular os custos de atender às necessidades não satisfeitas por meio de investimentos, levando em conta o crescimento populacional futuro; calcular a parte dos investimentos que pode ser financiada pelo próprio país; calcular a lacuna de financiamento das Metas de Desenvolvimento do Milênio que precisa ser coberta por doadores e avaliar o tamanho das contribuições dos doadores em relação à renda deles.” (Sachs, 2005: 335)

Sua solução para o fim da pobreza, portanto, é desenhada em nove fases em direção à meta, assim resumidas: “[...] comprometer-se com o fim da pobreza, adotar um plano de ação (como os ODM), elevar a voz dos pobres, redimir o papel dos Estados Unidos no mundo, resgatar o FMI e o Banco Mundial, fortalecer as Nações Unidas, aproveitar a ciência global, promover o desenvolvimento sustentável e assumir um compromisso pessoal” (Sachs, 2005: 411-414). A doação dos países ricos aos pobres voluntariamente, como Sachs propõe e como a ONU deseja desde a década de 70, levará investimentos adicionais necessários aos países menos favorecidos.

Sachs, com base em seu método de investigação denominado de economia clínica, correlaciona portanto a valorização da dignidade da pessoa humana com o

³ Segundo o art. 43 da Resolução n. 2626 (XXV) da Assembleia Geral da ONU, aprovada em 24 de outubro de 1970: “Como reconhecimento da especial importância do papel que somente a assistência oficial para o desenvolvimento pode desempenhar, uma importante parte das transferências de recursos financeiros aos países em desenvolvimento deverá proporcionar-se na forma de assistência oficial para o desenvolvimento. Cada país economicamente desenvolvido aumentará progressivamente sua assistência oficial para o desenvolvimento aos países em desenvolvimento, e fará os maiores esforços para alcançar, para meados da década, uma quantidade mínima equivalente a 0,7% de seu produto nacional bruto a preços de mercado” (Disponível em: <[http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/2626\(XXV\)&referer=/english/&Lang=S](http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/2626(XXV)&referer=/english/&Lang=S)>. Acesso em 07 jul. 14.)

desenvolvimento econômico. Para ele existem meios possíveis para erradicar a pobreza mundial; basta não haver acomodação em obviedades retóricas. Não questionar é continuar a compactar com a indiferença.